

CAPÍTULO I

"É tempo de meio silêncio,
de boca gelada e murmúrio,
palavra indireta,
aviso na esquina."

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, NOSSO TEMPO



Rubens e Marcelo em frente à casa no Leblon

Os dois homens no terraço do aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, não conseguem disfarçar o nervosismo. Gostam disso. Sem algum risco, o trabalho deles seria como outro qualquer — previsível, monótono. E a ansiedade é maior quando se trata de desbaratar uma conexão terrorista internacional, como presumem ser a situação nesta noite de janeiro de 1971. Misturados às outras pessoas que aguardam a chegada de aviões trazendo amigos e parentes, somente os dois usam blusões, apesar do calor úmido, deixando a pele viscosa.

Um deles, mulato robusto de 30 anos, cabelo black power, ergue os braços com um binóculo para visualizar melhor a pista de aterrissagem, deixando entrever na cintura o cabo de uma Browning 9mm no coldre debaixo do blusão. Seu colega, moreno e de costeletas, um pouco mais velho, acende um cigarro e dá uma profunda tragada, olhar fixo na pista.

A informação veio por telex da embaixada brasileira em Santiago do Chile, urgente e inédita: duas mulheres, uma jovem e outra de meia-idade, estão trazendo cartas de terroristas.

Com o passar das horas, o número de pessoas no terraço diminui. É quase meia-noite quando o mulato ergue o binóculo novamente e avista um Boeing da Varig taxiando em direção ao pátio de desembarque. Ele puxa a manga esquerda do casaco e olha o relógio de pulso. Seu colega aproxima um walkie-talkie da boca.

“Chegou. Estamos indo.”

Descem apressados uma escada estreita, atravessam o portão de acesso à pista e entram num jipe azul-marinho com uma logomarca nas duas portas: uma espada entre duas asas abertas.

O moreno entra ordenando. “Vamo lá. Pé na tábua.”

“Ok, capitão.” O motorista, com capacete branco e camisa azul-claro de mangas curtas, acelera em direção ao pátio. Atrás seguem dois outros jipes de reforço, para dar cobertura, caso necessário.

Quatro homens empurram uma escada sobre rodas para junto da porta dianteira do avião, enquanto um ônibus estaciona perto para transportar os passageiros.

“É o seguinte, sargento: eu entro no avião, tu fica na porta. Qualquer movimento estranho, pode meter bala. Não dê moleza”, ordena o capitão subindo a escada com o mulato. Cumprimentam o comandante do avião e mostram suas carteiras de agentes do Centro de Informação e Segurança da Aeronáutica, o CISA.

Os passageiros se levantam para desembarcar, mas são surpreendidos pela voz do piloto no alto-falante pedindo que todos retomem seus assentos por alguns minutos. Em seguida o capitão aparece na frente de todos e ergue a voz.

“Está tudo bem, só queremos falar com duas passageiras brasileiras que embarcaram em Santiago.” Ele tira do bolso do casaco um papelzinho e lê. “Marília e Selene!”

Sentadas em suas poltronas, erguem os braços uma quarentona de cabelos grisalhos e uma jovem magra de cabelos castanhos. O sargento fica atento na porta, com a pistola na mão direita. O capitão vai caminhando devagar no corredor, ante os olhares dos passageiros, muitos viram as cabeças e se contorcem curiosos para saber o que está se passando.

Diante das duas, o capitão examina os passaportes e pede gentilmente: “Me acompanhem, por favor.”

Selene, a mais velha, e Marília se entreolham sérias, apanham suas bolsas nos bagageiros e descem a escada do avião com os dois agentes. “Eu levo as bolsas. E não se preocupem com as malas, vou mandar apanhá-las”, diz o capitão.

As mulheres são conduzidas para o jipe estacionado ao lado do ônibus. Estão intrigadas. O capitão lhes sorri complacente. “É só uma averiguação de rotina. Eu sou o doutor Abelha, e o colega aqui é o doutor Leão.”

As duas são colocadas no banco de trás, junto com Leão. Ao sentar-se na frente, Abelha desce o zíper do blusão, apanha no porta-luvas dois capuzes pretos e entrega a Leão. O soldado dá partida.

“Por que isso?”, pergunta Marília, já encapuzada.

Leão a tranquiliza, “Calma, não se preocupem, está tudo bem. É só uma precaução”, enquanto Abelha revista as bolsas delas, sem encontrar nada de interesse.

O vento sopra morno sob o céu estrelado e o jipe avança veloz na pista, seguido pelos outros dois. Após passarem por uma placa em que está escrito “BASE AÉREA”, os veículos entram por um largo portão de ferro e estacionam em frente a um pavilhão comprido, de teto côncavo.

“Pra onde vocês estão levando a gente?” A voz de Selene sai abafada pelo capuz.

Abelha olha matreiro para Leão. “Pro Paraíso.”

É a sede do CISA, serviço secreto do governo, chefiado pelo brigadeiro Carlos Afonso Dellamora, que diariamente transmite ao ministro da Aeronáutica, brigadeiro Márcio de Souza Mello, um informe das prisões efetuadas e eventuais informações obtidas.

“Vocês vão ser liberadas logo”, explica o capitão Abelha. “É um procedimento de rotina. Só queremos esclarecer umas coisas.”

Leão e Abelha entram num corredor conduzindo as duas pelos braços e as deixam em salas separadas.

Um soldado de capacete azul, calça azul-marinho, camisa azul-claro de manga curta e um fuzil pendurado no ombro retira o capuz de Selene. Ela está numa pequena sala com uma cadeira debaixo de uma lâmpada acesa e dois homens à paisana em volta de uma mesa. O mais velho, um major de bigode grisalho e cabelos castanhos, coloca Selene na cadeira. Ela pisca os olhos diante do brilho da lâmpada e abaixa a cabeça. O soldado fica num canto em posição de sentido.

“Levanta a cabeça”, pede o major, com voz rouca. “Meu nome é doutor Jacaré.” Aponta para o sargento baixo e cabeludo: “E ele é o doutor Urso. O que a senhora faz, além de subversão?”

“Sou professora do colégio Sion, não faço subversão.”

“Qual matéria?”

Ela ergue um pouco a cabeça. “História e Geografia.”

Jacaré coloca as duas mãos na cintura, numa pose presunçosa. “Só podia ser... O que vocês foram fazer no Chile?”

“Fui visitar meu filho...” Olha para os lados. “Onde está a moça que foi comigo?”

“Quem é ela?” pergunta Urso.

“É irmã da minha nora, mulher desse meu filho que está no Chile.”

“Qual o nome do seu filho?”

“Luís Rodolfo.”

Jacaré tira do bolso da camisa um bloco de papel e uma caneta. “Por que ele está no Chile?” pergunta Urso.

“Está exilado...” Ela hesita. “Mas nunca fez nada de mais no Brasil. Era estudante e...”

“Ele é um dos terroristas que foram trocados há poucos dias pelo embaixador suíço?” pergunta Jacaré.

“Não. Ele está lá desde o ano passado, faz quase seis meses que ele está lá. Foi por conta própria.”

Um cabo uniformizado bate na porta e entra com as duas malas, retirando-se depois de colocá-las sobre a mesa. Urso escarafuncha, retira um pôster de Che Guevara, duas garrafas de vinho, uma máquina fotográfica e uma caixa de chocolate.

Jacaré se curva diante de Selene, apoia as mãos nas pernas e fica cara a cara com ela. “Cadê as cartas?”

“Que cartas?”

Jacaré se apruma. “A senhora vai ser revistada.”

Urso apalpa Selene de cima a baixo. Sob a blusa ele detecta um pequeno volume de envelopes presos por um cinto, apanha e entrega a Jacaré. Todos os envelopes têm apenas o primeiro nome dos destinatários, mas um deles, com o nome “Raul”, tem ao lado um número telefônico: 227.5362.

Jacaré abre esse envelope. A letra da carta é feminina: “Muito obrigada pela ajuda. Estou bem, mas a viagem do pessoal que chegou

agora foi muito tensa, todo mundo pensou que o avião seria derrubado. Estão hospedados num albergue. O ambiente é de muita alegria. Santiago está fervendo, de calor e liberdade...”

Outra carta, destinada a “José”, explica em detalhes como sair do Brasil clandestinamente, falsificação de documentos, rota de fuga, onde buscar apoio e esconderijo. Jacaré interrompe a leitura, coloca a carta dentro do envelope e junta com as outras. “Vamos deixar pro pessoal da Análise de Documentos. Tá na cara que é um esquema do pessoal da luta armada. São mensagens pros terroristas daqui. Você sabe disso...”

Selene titubeia. “Eu não... Uns brasileiros que moram no Chile pediram pra gente trazer essas cartas... pras famílias deles.”

Numa sala adjacente, Marília está sendo interrogada pelo tenente Coiote, magro, dentuço e também à paisana.

“O que você faz?”

“Sou estudante, vou começar a faculdade este ano.”

“Que curso?”

“Ciências Sociais.”

“O curso favorito dos subversivos... Você é filha daquela senhora?”

“Não, minha irmã é casada com o filho dela, eles moram no Chile. A gente só foi visitar. Não temos nada com política.”

“Fica de pé.” Coiote apalpa o corpo de Marília. “Você também trouxe cartas?”

Para não continuar sendo apalpada, ela resolve falar logo.

“Eu trouxe um envelope.”

“Onde você escondeu?”

“Preciso ir ao banheiro pra tirar.”

Coiote a acompanha até a porta do banheiro no corredor e fica aguardando.

Na outra sala, Jacaré exige de Selene: “Tira a roupa.”

Lívica, Selene recua. “O quê? Pra quê? Não tenho mais nada.”

“Quero ter certeza. Tira o vestido, vamos!” grita Jacaré.

“Não, pelo amor de Deus!”

“Minha senhora, a revista tem que ser completa.” Jacaré sorri malicioso. “Pode ficar sossegada, aqui ninguém gosta de coroa, só de broto, é ou não é, doutor Urso?”

“Pode crer.”

De cabeça baixa e rosto corado, Selene despe o vestido, permanecendo de combinação. Urso segura o vestido, Jacaré apalpa Selene, fazendo-a se encolher constrangida. “É, parece que não tem nada escondido não. Está bem, pode se vestir. Quem vocês encontraram no Chile?”

Ela termina de se vestir antes de responder. “Só meu filho e minha nora.”

“Comunista cínica!” grita Urso puxando os cabelos dela.

“Não sou comunista não. Sou católica. Particpei da Marcha da Família com Deus pela Liberdade...”

“E daí? Muita gente que estava lá mudou de lado. Até o Lacerda.” Jacaré vai para a sala onde se encontra Marília e Coiote mostra a ele um envelope pequeno.

“Adivinhem onde estava isso.” Faz uma pausa e dá um sorriso sacana. “Dentro do Modess.”

Jacaré manda Marília sentar-se na outra cadeira debaixo da lâmpada e cheira o envelope, no qual está escrito com letra feminina “a/c Raul”.

“Esse Raul parece bem popular. Quem é ele?”

“Não conheço. Fiquei de telefonar antes pra saber o endereço.”

Jacaré abre o envelope. Dentro há uma folha datilografada nos dois lados, com informações sucintas sobre a política no Chile, a chegada dos ex-presos políticos trocados pelo embaixador suíço e uma proposta de se criar em Santiago uma seção internacional do MR-8, para fortalecer a propaganda contra a ditadura brasileira.

Sem alterar o semblante, Jacaré repõe o documento dentro do envelope e joga-o sobre a mesa.

“Vocês são pombos-correios... Pombos não, pombas-correios... Fazem parte da conexão terrorista entre o Brasil e o Chile! Por que os subversivos trocados pelo embaixador quiseram ir pra lá? Porque agora tem o Allende na presidência. Os terroristas brasileiros pensam que o Chile é a nova Cuba. Estão muitíssimo enganados! Estamos de olho em tudo e em todos!”

Marília baixa a cabeça. “Não sou de conexão nenhuma, senhor.” Ela pensa um pouco. “Como vocês souberam que a gente trazia cartas?”

Jacaré caminha em volta dela, de braços para trás. “O Fidel Castro contou pra gente... Ou foi o Allende?”

“Conhece alguém da VAR-Palmares no Chile?” pergunta Coiote.

Ela pensa, indecisa. “Vapalmares? Não é Valparaíso? Lá tem uma cidade com esse nome...”

“Se fazendo de idiota, né?” exalta-se Jacaré. “Amanhã cedo tu vai telefonar pra esse Raul. Se telefonarmos a esta hora ele pode desconfiar. Vocês vão dormir aqui hoje.”

Na outra sala, Urso coloca o capuz em Selene. “Eu tenho que avisar meu marido. Ele veio me esperar no aeroporto.”

“Pode deixar que a gente avisa ele” informa Urso.

As duas mulheres são conduzidas separadamente por soldados para fora da sala. Caminham com pernas bambas, em frêmito, como se estivessem à beira de um abismo.



Rubens Paiva escancara a janela veneziana no segundo pavimento de sua casa e abre os braços se espreguiçando diante do mar grandioso no outro lado da avenida. Um feixe de sol jorra no quarto.

Descalço e sem camisa, apenas com um calção de cetim, ele aspira fundo o cheiro da maresia trazido pela brisa que sopra em seu rosto gorducho. Após seis anos morando no Rio, ainda abraça essas manhãs tão enlevado quanto da primeira vez.

Ao vê-lo debruçado no parapeito da janela deste confortável casarão branco de dois pavimentos, cercado por um muro coberto com telhas francesas, em frente a uma bela praia, qualquer pessoa dirá sem relutância: aqui está um homem completo, realizado. Mora na orla marítima mais charmosa da Zona Sul, tem uma boa renda mensal, dois carros novos na garagem, uma saudável prole de quatro filhas e um filho entre 10 e 17 anos, todos estudando em boas escolas, uma mulher bonita e inteligente. Portas sempre abertas para o entra e sai dos amigos. Burburinho de adolescentes e crianças. Confluência de afetos. Dormir ouvindo o chiado das ondas. E para completar, um gato.

Não fosse feriado nesta quarta-feira, dia de São Sebastião, ele estaria vestindo terno e gravata para ir ao escritório da empresa da qual é sócio-diretor, no centro da cidade, conduzido por Oscar, o jovem motorista da casa.

Chegou ontem de viagem com a família, depois de passar as festas de fim de ano e parte das férias das crianças na fazenda do pai, no interior paulista. Gosta de viajar, mas também gosta de voltar para casa, reencontrar os amigos e o mar que o fez amar esta cidade como se nela tivesse nascido. Quando se reuniu com a filharada na sala da casa em São Paulo para falar da mudança, todos concordaram.

“Só vou se for perto da praia”, condicionou Vera, a mais velha, então com 13 anos.

“Em frente” disse Rubens entusiasmado. “Uma big casa de esquina, na principal avenida do Leblon, ao lado de Ipanema. Uma vista maravilhosa.”

Engenheiro com muitos prédios e pontes construídos, não podia morar na casa sem antes fazer uma reforma, até para adequá-la às necessidades da família. Uma das alterações foi transferir a entrada para a rua lateral.

A praia faz a alegria diária das crianças e é um vínculo sentimental entre ele e a sua própria infância, vivida em São Vicente, também numa casa em frente ao mar. Embora tenha ido morar em São Paulo

a partir dos 15 anos e seja descendente de alemães pelo lado materno, adaptou-se facilmente ao Rio. Seu temperamento extrovertido e bem-humorado ajudou. Cultiva até o hábito carioca de colocar apelido nas pessoas. Em casa só Eunice não tem apelido.

Ela se ergue da cama e veste um robe de seda branco. É uma mulher magra e de altura mediana, aparentando fragilidade, impressão que se desfaz na voz firme e nos traços expressivos da face. Depois de fazer a ablução no banheiro e escovar seus cabelos castanhos e longos, desce para dar instruções às duas empregadas.

Rubens permanece debruçado na janela, os olhos azuis contemplando as ondas vindo avançando e se avolumando até arrebentarem espumantes na areia. Banhistas dão seus primeiros mergulhos, outros chegam sozinhos ou em grupos e estendem as toalhas coloridas, as esteiras de palha. Gaivotas planam em frente à casa por instantes e saem revoando suavemente. Mas ele não é totalmente feliz.

“Bom dia, doutor!”

Parado na calçada em frente ao sobrado, um mulato alto de meia-idade e bermuda, camisa do Flamengo no peito magro, com um carrinho de algodão-doce.

“Bom dia, Oswaldo. Como está?”

“Vai-se indo. Alguém aí quer algodão-doce?”

“Ainda é muito cedo. Mais tarde, tá? E o Mengo, ganha hoje?”

“Claro, três a zero, dois gols de Doval e um de Zanata. Os portugueses são fichinha.”

O flamenguista atravessa o canteiro que divide as duas pistas da avenida e estaciona seu carrinho no calçadão, à espera dos fregueses que passam em trajes de banho. Rubens boceja displicente, alisa o bigode olhando para as poucas nuvens no céu azul. Vai ser um dia bonito, pensa, e um calor de rachar.

Nesta manhã, seu único plano é dar uma caminhada na praia e bater papo com amigos. Nada o faz desconfiar que este dia fulgurante é o último de sua vida.



Do outro lado da cidade, o coronel Tigre, de paletó azul-marinho e camisa social branca, estaciona seu Aero-Willys na rua Haddock Lobo, a menos de cinquenta metros da Paróquia de São Sebastião dos Frades Capuchinhos. O sino ressoa dez badaladas. Moreno, careca no alto da cabeça, cabelos laterais grisalhos e um bigode espesso, ele ajeita os óculos escuros no nariz e caminha altivo em direção à igreja, de mãos dadas com uma balzaquiana de vestido azul-claro, cabelos tingidos de louro em forma de coque fixado com laquê, rímel nos olhos cor de mel e unhas vermelhas.

Ao aproximar-se do portão, Tigre faz uma expressão de enfado perante as longas filas que se estendem do adro até a calçada.

“O povo, o povo...”

“O que é que tem o povo, benzinho?” pergunta sua mulher, entretida nas barracas com oferendas, miniaturas de São Sebastião, colares e lenços com a imagem do santo, refrigerantes, sanduíches.

“Esse povo é muito abestado” resmunga Tigre, com um sotaque cearense. “Todo mundo pensando que São Sebastião vai resolver os *pobrema*. É um povinho muito lesado...”

Acostumada às rabugices do marido, Elizete não o leva a sério. “É tudo gente simples, mas com muita fé no coração. É importante ter fé, pra tudo na vida... Eu vou pedir uma graça a São Sebastião, pra engravidar.”

“Eu não acredito em milagre, sinceramente.”

Ela vê uma freira idosa parada num dos portões e puxa Tigre pelo braço.

“Todo ano é isso, né madre?” diz Elizete.

“Graças a Deus, missa desde as seis da manhã. Essa das dez é a mais importante. Já está começando. Mas só tem lugar de pé.”

Tigre empina a cabeça. “Nós temos lugar reservado. O atraso foi por causa dela. Ficou uma hora se embelezando.”

“Meia hora” corrige Elizete, e sorri para a freira.

“Meia hora você passou escolhendo a roupa.”

“Ainda dá tempo” diz a freira. “A missa começou ainda há pouco.”

Elizete fica ansiosa. “Então vamos entrar logo.”

“Preciso beber um refrigerante primeiro. Estou morrendo de sede.”

“É bom mesmo, porque lá dentro está um forno.” A freira sai do portão e vai para dentro do templo.

O casal segue para uma barraca. Em meio ao rumorejo circundante, Tigre pede dois guaranás e o casal fica bebendo em silêncio, ele de óculos escuros examinando as pessoas em redor, Elizete admirando a fachada do templo, de arquitetura pretensamente bizantina, com uma cena da fundação do Rio de Janeiro no painel de azulejos.

Depois de pagar ao vendedor, o coronel guarda os óculos no bolso da camisa, revelando olhos amendoados e perspicazes, segura a mão de Elizete e os dois atravessam o pátio, entre devotos endividados que pedem bênçãos, desempregados que renovam promessas, doentes que depositam ex-votos, mulheres nas barracas de velas e cravos vermelhos, mendigos e inválidos estendendo as mãos suplicantes, camelôs ansiosos apregoando bilhetes de loteria. O esbarrão de um jovem irrita Tigre e rapidamente ele enfia a mão direita por dentro do paletó, onde está o coldre com uma Walther PPK. O jovem pede desculpa e segue seu caminho. Tigre se vangloria dessa pistola, aos amigos conta que é igual à usada por James Bond nos filmes; cuida dela como cuidaria de um filho, se o tivesse.

Elizete para numa barraca que vende cravos vermelhos. “Espera um pouco.”

Enquanto ela compra a flor símbolo do martírio de São Sebastião, Tigre prende a respiração, para não sentir o cheiro desagradável de velas derretidas e cravos por todos os lados. Elizete vem com um cravo na mão direita e os dois seguem apressados pedindo licença para entrar no templo.

Todos os bancos ocupados, muitos fiéis com roupa vermelha, rezando de joelhos, outros em pé nos corredores laterais, as atenções voltadas para o altar, onde está a imagem de São Sebastião, crivado de flechas, com seu ar sofrido e o torso nu, envolto por uma comprida fita vermelha. Diante da imagem, o frei Elias Cuquetto com seu paramento verde e uma voz monocórdia.

“Agora que estamos silenciosos e acomodados, como convém, quero dar as boas-vindas aos moradores da Tijuca, Grajaú, Vila Isabel e outros bairros de nossa querida cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Vamos reverenciar o nosso padroeiro, no dia de sua morte, que aconteceu em 20 de janeiro de 288.”

Ele interrompe sua fala para aguardar a entrada de Tigre e Elizete, que vêm pelo corredor central até a primeira fileira de bancos, onde há dois lugares marcados com papéis escritos à mão: “Reservado.” O casal se persigna diante do altar e o coronel inclina levemente a cabeça cumprimentando o frei, que retribui e abre uma Bíblia no púlpito.

“Vamos iniciar lendo um trecho do Sermão da Montanha, bem adequado ao dia do nosso padroeiro: Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.”

Elizete faz o sinal da cruz, apanha na bolsa um alfinete e prende o cravo na gola do seu vestido. Depois olha sutilmente para as mulheres no seu banco, talvez querendo localizar alguma conhecida, ou verificando se o seu vestido novo atraiu a atenção delas. Uma criança chora. Sem denotar incômodo, o frei prossegue a homilia:

“Todos conhecem a imagem de São Sebastião, o santo flechado, com o peito desnudo, amarrado a uma árvore. Mas muitos não conhecem a história desse herói da fé que viveu e morreu no século III, durante o Império Romano. Ele era chefe da guarda pretoriana,

sofreu perseguição e foi morto por ordem do imperador Diocleciano. Virou mártir, porque era um cristão convicto. O cristianismo era proibido pelas autoridades romanas, os cristãos eram considerados inimigos do Estado, como se fizessem parte de um movimento subversivo...”

O frei faz uma pausa e lança um olhar rápido para o coronel, como se quisesse ver a sua reação. Já o coronel pensa se o frei abusa da ironia ou apenas tenta, mediante uma analogia, ser melhor entendido pelos fiéis.

“Sebastião ajudava os cristãos perseguidos, visitava os presos, era solidário com eles, e falava de Cristo aos soldados romanos. Muitos se converteram secretamente por influência de Sebastião. Ele foi denunciado por um soldado de seu próprio exército e teve que comparecer perante o imperador para se explicar. O imperador tentou fazê-lo renegar a fé. Sebastião se manteve fiel, e Diocleciano o condenou à morte, sem direito a apelação. Sebastião foi amarrado a um tronco de árvore, semidespido, e os soldados atiraram flechas no seu peito, pra que ele tivesse uma morte demorada. Ele foi abandonado para morrer. Mas uma senhora viúva, chamada Irene, passou por ali e socorreu Sebastião, retirou as flechas do peito dele, levou Sebastião pra casa e tratou dos ferimentos.”

Tigre se distrai observando os mosaicos atrás do altar, no vitral do transepto, uma ilustração da luta em que os portugueses, liderados por Estácio de Sá e ajudados por índios, mamelucos e São Sebastião, expulsaram os franceses calvinistas do Rio de Janeiro. O frei bebe um gole de água do copo colocado no púlpito.

“A coragem foi uma das principais características deste santo. Ele ajudava os cristãos perseguidos e assumia a sua fé sem temer as consequências. Se fosse um cristão fraco, de fé leviana, teria fugido para bem longe, ou abjurado, e se acomodado. Ele não. Continuou a evangelizar e também a criticar Diocleciano pelas injustiças cometidas contra os cristãos.”

O coronel raramente frequenta a igreja, ao contrário de Elizete, que todos os domingos está na missa das seis. Mas hoje é um dia especial e a missa é o pretexto para ele se encontrar com o governador.

“O imperador ficou admirado e muito irritado com a ousadia de Sebastião, mandou seus guardas prendê-lo e matá-lo. O corpo, com marcas de pauladas e golpes de bolas de chumbo, foi jogado pelos soldados no esgoto público de Roma, para impedir que fosse venerado pelos cristãos. Não adiantou nada, porque São Sebastião é venerado e adorado até hoje. Ele fez como o apóstolo Paulo: combateu o bom combate.”

Tigre entende nas palavras do frei um apelo subliminar à incitação de uma revolta popular. Desconfia do frei, parece-lhe ambíguo demais. Devia ficar sob vigilância.

O sermão é encerrado:

“São Sebastião é o santo protetor contra a peste, a fome e a guerra. Na Idade Média, a peste era uma doença infernal e contagiosa, dizimou milhares de pessoas na Europa. No mundo de hoje, a peste é o comunismo, que tenta destruir a família e os valores mais sagrados da civilização cristã e ocidental com suas ideias enganosas de igualdade e justiça social.”

Tigre balança a cabeça, aprovando.

“O padroeiro de nossa cidade, o mártir São Sebastião, que foi tão incompreendido, nos convoca à prática da caridade, do amor e da solidariedade. Que ele interceda por todas as famílias cariocas e pelas autoridades da nossa pátria neste ano de 1971 que se inicia, principalmente o presidente do Brasil, general Garrastazu Médici, para que continue governando com sabedoria e competência, pelo bem do povo, especialmente os mais pobres.”

O coronel só acha que foi desnecessário mencionar o presidente como um general. O casal vai à sacristia conversar com o frei, enquanto se forma uma longa fila de devotos para beijar a fita vermelha que envolve a imagem de São Sebastião.



Eunice entra no quarto trazendo uma bandeja com dois copos de suco de laranja, uma maçã e o *Jornal do Brasil*. Põe a bandeja no criado-mudo e separa o Caderno B para ler. Rubens bebe quase metade do suco de uma vez, dá uma mordida na maçã, apanha o jornal e senta-se na poltrona à beira da janela.

“Dentro de três anos, dois meses e dez dias vou ter de volta os meus direitos políticos.” Continua lendo as manchetes.

“Você está contando mesmo o tempo que falta?”

“Até os minutos. E vou me candidatar de novo. E vou ganhar, você vai ver.”

“Tomara.”

De repente, ele sai da poltrona, vai até o guarda-roupa, abre uma gaveta e retira um pequeno embrulho de presente.

Ela apanha o pacote. “Sei exatamente o que é.” Ele sorri. “Duvido.”

“Ora, é simplesmente a milésima, ou milionésima caixa de bom-bom que você me dá desde que a gente se conheceu.”

“Não é que adivinhou? Só que cada caixa é diferente da outra, você sabe. Esta tem trufas de chocolate com nozes e conhaque. Voilà!” exclama Rubens estalando a língua.

Ela abre a caixa e os dois ficam na cama saboreando as trufas, bebendo suco de laranja, lendo jornal, se abraçando. Adoram chocolate, mas esta é apenas uma das muitas afinidades do casal: a mesma idade (ela só um mês mais velha), ambos descendentes de europeus que imigraram para o Brasil no começo do século XX e progrediram materialmente — ele neto de portugueses e alemães, ela filha de italianos; quando se conheceram, moravam no mesmo bairro paulistano, além de gostarem de sair à noite e viajar.

“Já que você está contando o tempo pra ser deputado de novo, sabe qual vai ser o grande acontecimento do ano que vem?” pergunta Eunice.



O casal com seus cinco filhos, em 1965: Ana Lúcia (Nalu), Beatriz (Babiu) e Marcelo, sentados no tapete; Eliana, em pé atrás do sofá, e Vera, sentada ao lado da vó Aracy, mãe de Rubens



Casamento de Eunice e Rubens

Rubens apanha mais uma trufa e a dissolve na boca aos poucos, para prolongar o sabor.

“O grande acontecimento de 1972? Vejamos.” Pensa uns segundos. “Os 150 anos da Independência. Vamos ver muita fanfarra e fanfarronice.”

“Sim, mas aqui em casa o maior acontecimento do ano vai ser o aniversário do nosso casamento, vinte anos.”

“Já?”

“Dia 30 de maio.”

“Eu sei, boba. Eu estava brincando. É bodas de quê mesmo?”

“Porcelana.”

“Será que vamos chegar às bodas de prata?”

Ela sorri. “Se você parar de engordar...”

“Isso é provocação. Tá certo, preciso perder uns quilinhos. E não sou o único nesta casa.”

“Não, mas você tem extrapolado. Já deve estar com cem quilos, ou chegando perto. Nem devia estar comendo chocolate.”

“E você, dona Eunice, com esses pneuzinhos aí? Hein? Hein?” Ele dá uns beliscões na barriga dela, fazendo cócegas.

“Lembra quando a gente começou a namorar?” pergunta Eunice, e morde uma trufa. “Você era tão magrinho. Dava até pena...”

“Você também, aliás.”

“... e vivia me chamando pra sair. Meu pai não deixava, só se uma de minhas irmãs fosse junto.”

“Ainda mais sair de moto. Naquele tempo era coisa de playboy.”

“Acho que eu nunca andei na sua moto.”

“Eu vendi logo.” Ele se levanta e abre a janela lateral do quarto, com vista para o morro Dois Irmãos, no final da orla. “Foi só uma onda passageira. Eu sempre gostei mais de carro. Lembra do Oldsmobile azul que eu tinha quando estava na faculdade?”

“Era bonito. Mas eu gostei mais do Pontiac creme.”

“Esse foi depois. Muitas vezes desci com ele a avenida Rebouças a 100 por hora. Acho que nunca te contei isso.”

“Não exagera.”

“Sério. De madrugada, claro. Fazia roleta paulista.” Ele ri. “E a peruca Dodge? Uma vez eu estava com ela cheia de material pra obra, e o sol estava tão quente que os pneus derreteram.”

“E aquele fusca que capotou. Não teve isso?”

Ele sai da janela e volta a se deitar na cama. “Nem gosto de lembrar. Também, chovia pra burro na estrada pra fazenda. Pior que o fusca tava lotado. Sua mãe, coitada, levou um bruto susto.”

“Eu sei. Sorte minha não ter ido. O fusca ficou virado de ponta-cabeça, não foi?”

“Ficamos emborcados dentro do carro, sua mãe gritando. Não era pra menos. Chovia pra burro, e era de noite.”

“E você correu muito, como sempre.”

“Mais ou menos. Digamos que sim, eu corri um pouco além do recomendável. Sorte que ninguém se machucou. E a Romiseta...? Era uma gracinha.”

Um gato rajado de branco e marrom entra no quarto e começa a miar para Rubens, que senta-se na beira da cama.

“Bom dia, Pimpão! Vem cá.” Ele coloca o gato no colo e alisa o seu dorso. “É o gato mais educado do Brasil. Só vem pra cama se for convidado.”

Pimpão chegou na casa um dia de surpresa, ninguém soube de onde vinha, e gostou de Rubens. Aonde Rubens ia, o gato ia atrás.

“E o que a gente vai fazer pra comemorar as bodas de porcelana?”

“Podemos fazer uma festinha em família. Só com a gente de casa mesmo.”

“Está certo. Depois a gente resolve. Ainda tem muito tempo.”

Depois de deixar o gato no chão, Rubens estica os braços para a frente, espreguiçando-se. “Vou chamar o Waldir pra ir à praia. O Ryff também. Quer ir?”

Eunice sai da cama. “Tenho um monte de coisa pra fazer. Nem abri as malas ainda.”

“Quando você descer, pede pra Maria José fazer um sanduíche de presunto e queijo pra mim. No pão de forma.”

“E pra beber?”

“Outro suco, com bastante gelo.”

Eunice desce a escada que dá para o salão e a cozinha, Rubens entra no banheiro. Debaixo da gostosa água fria do chuveiro sobre a banheira, ele pensa em comprar um presente de porcelana para Eunice. Hum, muito óbvio talvez, mas apropriado.



Na cela de Marília entra um soldado com um capuz nas mãos.

“Vem.”

Encapuzada e conduzida pelo braço até uma saleta, ela fica de pé, sem saber onde está, respirando com sofreguidão. Daí a pouco chega Selene, trazida por Urso, que logo retira os capuzes das duas. “Podem sentar. O doutor Jacaré vem conversar com vocês.”

“Ele é médico?” pergunta Selene, sentando-se.

“Aqui só tem doutor.”

Jacaré entra na sala acompanhado de Coiote e examina as duas mulheres de cima a baixo.

“Bom dia. Dormiram bem?”

“Mais ou menos” responde Selene.

“Vocês sabem por que foram presas?”

Selene responde tímida: “Acho que foi porque eu e a Marília fomos as primeiras com parentes no Chile a vir de lá depois que chegaram os banidos. Mas não temos nada a ver com eles. Foi coincidência.”

Jacaré olha para Urso e Coiote. “Coincidência? Sei, sei. Quem mais estava com vocês no avião?”

“Ninguém. Eu e a Marília fomos e voltamos juntas, só nós duas. Não foi ninguém com a gente.”

“Quem é Raul?” pergunta Coiote.

Selene baixa a cabeça e gagueja. “Nnnão sei.”

“Deixa eu dar uns choques nela, doutor” diz Urso.

Assustadas, elas gritam simultaneamente “Não!”

Urso vigia as duas na sala enquanto Jacaré chama Coiote para o corredor.

“Seguinte, pela minha experiência, pelo jeito delas, acho que estão falando a verdade. Não vamos perder tempo. Precisamos agir rápido e pegar esse Raul. Ele é o alvo, não elas.”

Os dois voltam para a sala. Jacaré fala com Marília: “Você vai telefonar pro Raul dizendo que tem cartas pra ele e pedir o endereço. Aliás, ‘Raul’ deve ser codinome. Pergunte também o nome verdadeiro dele.”

Na sala ao lado, Coiote e Urso preparam o equipamento instalado numa mesa para gravar a ligação.

“Avenida Delfim Moreira? Onde é isso?” pergunta Urso depois de ouvir o diálogo entre Marília e Rubens.

“É no Leblon, bicho”, responde Coiote. “O subversivo mora na beira da praia.”

“Não seja por isso. Se for necessário, a gente invade a casa”, prontifica-se Jacaré.

“Necessário é, o homem tá lá dentro” informa Coiote.

“Então invadam a casa, porra”, decide Jacaré. “Urso, faça um Pedido de Diligência. Tenho pra mim que vamos pegar peixe graúdo.”



Sentada à mesa redonda de mármore na sala de jantar, Eunice passa manteiga numa fatia de pão. Na cadeira em frente, Eliana, de 15 anos, bebe um gole de suco de laranja. Rubens chega de bermuda, sandália de couro, jornal na mão. “Cadê a Nalu?”

Eunice despeja leite na xícara de café. “Dormiu na casa do Sebastião Nery.”

“Ela é amiga da enteada dele, a Cristina” diz Eliana.

“E eu não sei? Até mandei um presente de aniversário pra ela.”

“Precisamos telefonar pra Veroca. A essa hora deve estar toda encapotada lá em Londres, coitada.” Eunice sopra o café com leite na xícara antes de beber.

Rubens passa geleia de morango num pedaço de pão e junta uma fatia de queijo. “À tarde a gente telefona. Vamos mandar um pouco do calor carioca pra ela.”

Descendo a escada, numa camisolinha cor-de-rosa e trazendo “Beijoca” pendurada pelo braço, a caçula Babiú, de 10 anos e óculos de grandes lentes redondas, dá beijinhos nas faces de Rubens e Eunice, ergue a boneca para fazer o mesmo, senta-se e não demonstra interesse nas comidas da mesa.

“Sabe do que que eu tô com vontade? De chupar um Chicabon.”

“Picolé? A esta hora?” admira-se Rubens. “De jeito maneira.”

“Chicabon é muito legal, morô?” Babiú ergue o polegar direito com a mão fechada, num jeitinho desafiador e gracioso.

Eliana sorri. “A pirralha tá toda cheia de ginga carioca.”

“Com ginga ou sem ginga, não é hora de Chicabon...”

“Tá muito calor.” Babiú faz beicinho.

“Só depois do café” determina Eunice, séria. “Senta aí.”

A arrumadeira Maria do Céu aparece na porta:

“Dona Eunice, quando a senhora terminar aí, eu queria falar um negócio.”

“O que é, Maria do Céu? Pode falar. Aqui ninguém tem segredo”, diz Rubens, gaiato.

Maria do Céu ri, acanhada. “É que tá faltando anil pra lavar roupa.”

“Depois a gente vai ao mercado comprar, se estiver aberto. Como hoje é feriado...” diz Eunice.

“Ih, é mesmo, eu tinha esquecido.” Maria do Céu sorri colocando a mão na cabeça.

Rubens come mais uma fatia de pão. “Ah, então é esse é o seu grande problema, né, Maria do Céu? Anil. Você que é feliz. Seu nome já diz tudo.” Ele se vira para Eunice: “Como é que é ‘do céu’ em latim?”

“Caelestis.”

“De hoje em diante seu nome é Maria Caelestis, ou melhor, Maria Celeste.” Rubens volta-se para Eliana e Babiú: “Sua mãe sempre foi craque em latim, sabiam? Foi por isso que a gente se conheceu, não é, amor? Ela foi na minha casa ensinar latim à minha irmã Maria Lúcia. As duas eram colegas de turma no Sion. Quando me viu, se apaixonou na hora.”

“Bobão.” Eunice já terminou de comer, mas permanece na mesa.

“Eu também me apaixonei à primeira vista. Uma mulher bonita e inteligente, quem não se apaixonaria? Você ainda sabe latim?”

“Claro. Sei uns ditados também. Fallitur visio: as aparências enganam. Dulce et decorum est pro patria mori: Doce e honroso é morrer pela pátria.”

“Hum, essa é boa, pode anotar. Eu também aprendi latim no colégio São Bento. Por exemplo: in vino veritas.”

“Essa quem não sabe?” diz Eliana.

“Injuriarum remedium est oblivio. A maior vingança é o desprezo.”

“E o maior desprezo é o silêncio” acrescenta Rubens.

“De gustibus non est disputandum. Gosto não se discute. Factes tua computat annos. Cada qual tem a idade que parece ter.”

“Eu pareço ter 41?” pergunta Rubens.

“Parece ter uns... 90.” Babiú ri.

“Está se sentindo velho?” pergunta Eunice. “É a crise dos 40. Raspa esse bigode que você rejuvenesce uns cinco anos.”

“Você acha mesmo?” Rubens alisa o bigode. “Mas aí eu vou perder a minha marca registrada.”

“Quando a gente se conheceu, você deixou crescer o bigode dizendo que era pra impor respeito, porque tinha cara de garoto. E tinha

mesmo. Sua cara era meio infantil, cara de anjo de igreja, lourinho, olhos azuis. Como você já não tem cara de garoto..”

“Eu tinha cara de garoto, mas o meu apelido em casa era sabe o quê? Canhão.”

“Canhão?!” pergunta Eliana.

“Eu era explosivo, de vez em quando. Meio estourado.” Ele acarinha a mão de Eunice. “Mas suas irmãs todas gostavam de mim, eu até ensinei elas a dançar.”

“Eu domei você” provoca Eunice.

“Ser explosivo tem uma importante vantagem: você não guarda rancor, fala na hora tudo o que tem que falar e pronto” diz Rubens.

“Você ainda é explosivo, tem o pavio muito curto” diz Eunice.

“Só quando pisam no meu calo.”

“Raspa o bigode, pai, está fora de moda” pede Eliana. “Agora homem está usando barba e bolsa.”

“Barba e bolsa? Isso é pros jovens, fãs dos Beatles.”

Babiu morde uma maçã. “Os Beatles vão acabar, ou já acabaram, sei lá.”

“Já acabaram” diz Eliana.

“A música deles continuará, pra vocês. Eu prefiro Tom Jobim e Frank Sinatra e não vou usar barba nem bolsa.”

“A mãe é que gosta do Frank Sinatra, não é mãe?” diz Babiu.

“Adoro ‘All the way’... Você não ficaria bem de barba. Sua cara é meio gordinha.”

“Eu ficaria parecendo subversivo, como dizem os milicos.”

“Mas os terroristas brasileiros...” começa Eunice, e é interrompida por Rubens.

“Cuidado ao usar a palavra ‘terrorista’. Tem uma diferença importante entre terrorista e guerrilheiro, resistência. Muita gente confunde, de propósito.” Sua voz se torna mais pausada e professoral. “Todo governo autoritário chama de terrorista a oposição mais radical, que pega em arma. A resistência francesa e a oposição alemã contra o

nazismo também eram consideradas terroristas por Hitler, mesma acusação dos franceses à Frente de Libertação Nacional, na Argélia. O Agostinho Neto em Angola, o Nelson Mandela na África do Sul, são considerados terroristas. O Tiradentes era terrorista para os portugueses no tempo da colônia, apesar de ainda não se usar essa palavra. Não podemos fazer o jogo do governo e chamar de terroristas os que lutam armados contra os militares que derrubaram o Jango. Eu respeito a coragem deles. Mas a ditadura só vai cair se o povão for pra rua também. O problema é que o povão só quer futebol e novela. Ainda mais agora que somos tricampeões do mundo.”

Eunice dá uns tapinhas nas costas dele. “Calma, calma. Não precisa fazer discurso a esta hora da manhã, tá?!”

“É que você tocou num assunto muito...”

“Eu sei, muito polêmico. Eu ia dizer que os... guerrilheiros do Brasil não usam barba. Pelo menos os que a gente vê nesses cartazes de ‘Procura-se’ espalhados pela cidade.”

“Muitos deles nem barba têm ainda. Eu queria ver esses caras lutando na selva, cheia de mosquito e bicho, como foi em Cuba, como é no Vietnã. Em Cuba o Fidel, o Che Guevara e o grupo deles não tinham condição de fazer barba todo dia, cortar cabelo. Era outra história. Por isso hoje em dia qualquer barbudo é suspeito de subversão. Eu, mesmo sem barba, sou visado. Eles sabem que fui cassado, que sou contra tudo o que essa ditadura faz.”

“Pai, o senhor fala muito em ditadura. Eu queria entender o que é isso” diz Babiú após beber um gole de leite que deixa um filete branco no seu lábio superior.

Rubens segura na mão esquerda de Babiú. “É o seguinte, benzinho, em síntese: ditadura é falta de liberdade. É um governo de poucas pessoas que não deixam o povo votar pra presidente. No Brasil é assim. E na escola você não deve falar em ditadura, senão o seu papai pode entrar pelo cano, e em cana. Em resumo, é isso, capisce?, como diria o seu vovô Giuseppe.”

“Entendi.”

“Sabem qual a diferença entre o Costa e Silva e o Médici?” pergunta Eliana.

Eunice responde sem muito interesse, desconfiando ser alguma piada. “Não, conta pra gente.”

“É que a burrice do Costa e Silva não se media, e a do Garrastazu mede-se.”

“Boazinha essa.” Rubens sorri. “Mas o Médici não é burro não. Pelo contrário. Ele sabe enrolar o povo, usa o tricampeonato da Seleção pra fazer média no Maracanã, tenta passar uma imagem popular, paternal, de um presidente identificado com o povo, que gosta de futebol. Tudo fachada. Ele tem o desplante de dizer que não existe tortura no Brasil, diz que no fim do seu governo a democracia vai estar implantada. Conversa mole pra bobo dormir.”

Toca o telefone afixado na parede da cozinha. Maria do Céu atende.

“Doutor Rubens, é pro senhor. É uma mulher, quer falar com o dono da casa.”

“Tá. Não precisa ficar olhando pra Eunice, ela não tem ciúme, confia em mim.” Ele sai da sala de jantar e vai ao escritório para atender na extensão, um telefone vermelho, vertical e bojudo que fica sobre a escrivaninha.

“Eu trouxe duas cartas do Chile pro senhor. Peguei seu telefone num envelope e eu queria o endereço pra levar aí.”

“Está bem. É avenida Delfim Moreira, número 80, no Leblon. Não é prédio, é uma casa, de esquina.”

“O nome no envelope é ‘Raul’. Seu nome é esse mesmo?”

“Não, é Rubens... E a entrada da casa é pela rua lateral, Almirante Pereira Guimarães.”

Depois de desligar, ele volta para a sala de jantar. Eunice fica curiosa:

“Quem era?”

“Uma mulher querendo saber o endereço daqui pra entregar umas cartas que ela trouxe do Chile. Deve ser do Almino.”

“Pronto, comi tudo. Agora posso comprar meu Chicabon?” pergunta Babiui estendendo a mão. “Se o senhor não me der dinheiro e liberdade pra comprar meu picolé, então essa casa tá virando uma ditadura.”

Rubens dá uma risada e enfia a mão no bolso da bermuda. “Aprendeu rápido, hein?”

A menina apanha o dinheiro e sai correndo toda fagueira portão afora.



Num quartel da Aeronáutica no centro da cidade, o brigadeiro Karlos Brenner está ansioso. Elegantemente trajado com a farda de gala — quepe branco, túnica azul-ferrete e calça da mesma cor —, ele fica parado junto ao mastro da bandeira brasileira hasteada na Praça d’Armas da III Zona Aérea, um complexo de prédios cercado por muro alto na avenida General Justo.

De braços para trás, examina atentamente todo o piso do pátio e conversa com o oficial de dia. Chegou mais cedo hoje para supervisionar a organização de uma importante solenidade.

“O ministro vai chegar de helicóptero ao meio-dia e será recebido com honra militar. Quero tudo impecável, perfeito, até as fardas. Ele vai fazer inspeção.”

Os dois já verificaram os alojamentos, os aviões de pequeno porte nos hangares e a pista em que pousará o helicóptero do ministro Márcio de Souza Mello, para a cerimônia comemorativa dos 30 anos de criação do Ministério da Aeronáutica.

Afável na intimidade da família e simpático anfitrião para os amigos que recebe em sua casa no Grajaú, protegida dia e noite por sentinela, o brigadeiro Brenner revela seu temperamento irascível no quartel ou em qualquer lugar quando o assunto é política. Tem ódio ao comunismo e não admite qualquer crítica ao governo. Também

odeia hippies, rock, maconheiros, homossexuais e Cinema Novo — prefere os musicais de Fred Astaire. Costuma gritar com subordinados e manda prender até quem não entende suas ordens quando são dadas, o que não é raro, de modo atabalhoado, aparentemente para testar a capacidade de retenção e rapidez de raciocínio do interlocutor. Com pouco mais de 50 anos de idade, os cabelos misturam tons brancos e louros, indicando a ascendência nórdica, reforçada pelos olhos azuis.

Hoje ele quer causar a melhor impressão ao ministro, de quem já foi chefe de gabinete, daí nascendo uma amizade que se fortaleceu por causa das ideias semelhantes.

“Chame o capitão Abelha” pede Brenner ao oficial de dia. “Quero falar com ele na minha sala.”

“Sim, senhor.” O oficial de dia bate continência e se retira.

A Sala de Comando, no segundo andar do prédio principal, é austera como seu ocupante: uma poltrona de couro atrás de uma grande escrivaninha de jacarandá coberta de papéis e uma foto em preto e branco do comandante quando era coronel, junto com outros jovens oficiais da Aeronáutica em uma região rural do Brasil. Na parede atrás da escrivaninha, uma foto colorida do ministro da Aeronáutica com o presidente da República. Em outra parede, dois mapas, do Brasil e do Rio de Janeiro.

Óculos na ponta do nariz, Brenner está escrevendo um lembrete num bloco de papel quando o ordenança bate na porta anunciando o capitão Abelha.

“Pode mandar entrar.”

Abelha, à paisana, bate continência e se perfila, braços para trás.

“Mandou me chamar, comandante?”

O brigadeiro deita a caneta sobre a mesa, tira os óculos e estende o braço oferecendo uma cadeira à sua frente.

“Parabéns pela captura das duas mulheres ontem no Galeão.”

“Obrigado, comandante.”

“Estamos perto de dismantelar uma rede importante de subversivos que têm ponte com o Chile. É o senhor que vai chefiar a operação no Leblon, não é?”

“Sim, senhor.”

“Eu conheço a história desse Rubens Paiva. Foi deputado, cassado na primeira lista. Eu estava de olho nele há muito tempo. Não leve para o CISA. Quero ele aqui. As duas mulheres também.”

“Sim senhor.”

“Como é de seu conhecimento, estamos comemorando hoje os trinta anos do Ministério da Aeronáutica. Vamos ter uma solenidade, o nosso ministro, meu amigo de longa data, vai estar presente, vai distribuir medalhas, condecorações, fazer discurso, aquelas coisas. O que é uma ótima coincidência, porque eu comunicarei pessoalmente a ele que pegamos um peixe grande.”

“Positivo, comandante.”

“Portanto, quando chegar com o preso, se a cerimônia ainda estiver em andamento, entre discretamente. Eu chamei o pessoal do CISA pra começar o interrogatório preliminar sem mim, porque depois da cerimônia ainda vai ter um almoço no restaurante dos oficiais.” O brigadeiro se levanta e pela janela olha para uma nesga da Baía de Guanabara. “Pegou o endereço da casa?”

“Sim senhor. É um aparelho na beira da praia. Primeira vez que eu...”

O brigadeiro dá alguns passos e fica de frente para o mapa do Rio na parede. “A maioria dos subversivos mora na Zona Sul. São de classe média ou filhinhos de papai metidos a revolucionários. Outros são da esquerda festiva, mas não menos perniciosos, como o pessoal desse jornaleco pseudo-humorístico, *Pasquim*. Passaram dois meses em cana, agora em novembro e dezembro. Vamos ver se aprenderam a se comportar. A festiva só faz revolução nos bares de Ipanema, Leblon.” Ele coça o queixo. “São comunistas bebedores de uísque escocês legítimo... Mas a casa desse cara aí que você vai pegar deve ser fachada. É um subversivo burguês, como dizem os jovens terroristas. Ou um

burguês subversivo. De qualquer modo, deve ser um quadro da luta armada no meio empresarial. Ajuda a financiar os sequestros e deve dar cobertura a fugitivos. Já requisitou os carros?”

“Estão prontos, vamos sair daqui a pouco.”

“Seu pessoal tem feito um bom trabalho de rua. O senhor está de parabéns como chefe da equipe de prisões e cercos.”

“Obrigado, comandante. Pretendo continuar assim, cumprindo o meu dever.”

“Sete anos depois de conquistarmos o poder, ainda temos que lutar contra esses canalhas. É uma praga, exige combate permanente... Escuta, não prometo nada, mas, se esta missão der o bom resultado que esperamos, o senhor pode ter uma promoção antecipada.”

“Obrigado, comandante.”

O brigadeiro encerra a conversa. “É só isso. Está dispensado.”

Abelha bate continência e abre a porta para sair, mas se detém. “Se me permite, comandante, eu gostaria, se for promovido, de fazer parte da equipe de interrogatório. No ano passado fiz um curso de quatro meses na Escola das Américas. Recebi elogio público do instrutor.”

Voltando a sentar-se em sua poltrona, o brigadeiro retira da primeira gaveta da escrivaninha uma foto em preto e branco, na qual ele está de pé na frente de um prédio baixo, identificado por uma placa: United States Army — School of the Americas.

“Esta foto eu tirei lá no dia da minha formatura no curso de Inteligência Militar. Foi em 1967. Vai fazer quatro anos. O tempo passa...”

“Meu curso foi de contrainsurgência. Aprendi a fazer segurança de autoridades, controle de multidão, infiltração em aparelhos subversivos, técnicas de interrogatório e operações clandestinas.”

“Eu aprendi a fazer guerra psicológica, táticas antiguerrilhas, contrainsurreição, interrogatório e métodos de aterrorização. Guardo até hoje o manual.”

“Que manual, comandante?”

“Ué, você não tem o manual?” Brenner abre uma gaveta da escrivaninha, apanha um livreto de 120 páginas, intitulado *Interrogatório de Contraineligência KUBARK*, e entrega a Abelha.

“A gente estudou esse manual no Panamá. É um material precioso. Foi o primeiro lançado pela CIA pra América Latina, em julho de 1963, oito meses antes da Revolução. Parece ter sido feito pro Brasil. Eu te chamo a atenção pra duas referências muito interessantes sobre choque elétrico e um capítulo inteiro sobre técnicas de coação. Como você quer entrar nessa área, pode ficar com esta cópia. Eu tenho outra em casa.”

Abelha inclina a cabeça para a frente, em reverência. “Muito obrigado, comandante. Vou ler atentamente.”

“Mas não diga a ninguém que fui eu quem te dei, senão vai ter fila de gente aí na porta babando pra ter um também.” O comandante dá um sorriso rápido. “Boa sorte, e não se esqueça, todo cuidado é pouco nessa operação. Às vezes pra cumprir bem uma missão é preciso matar. Mas esse sujeito eu quero vivo.”

“Sim, senhor. Estamos preparados.”

“Outra coisa. Nós temos um cabo aí que é meio viado... Meio não, é viado inteiro. Não existe meio viado. Você conhece ele?”

“Acho que sei quem é.”

“Cabo Pôncio. Ele tenta disfarçar, mas de vez em quando desmuneha. Não podemos denegrir a nossa imagem com um invertido enrustido. Por isso eu ordenei que ele fosse internado hoje na enfermaria. Crise nervosa. Comunista e viado, só fuzilando. Como no Brasil ainda não tem fuzilamento oficial, infelizmente, vamos fazendo o que é possível. Uma vez, quando eu chefiava o CISA, tive um preso que era comunista, preto, nordestino e viado. Já pensou?” O comandante ri. “Mandeí afogá-lo numa bacia de merda. Agora esse cabo Pôncio está internado e não vai me envergonhar com aquele jeitinho afrescalhado na hora em que o ministro passar a tropa em revista. Da outra vez que o ministro esteve aqui ele descobriu que temos um viado em nosso quartel-general. A Aeronáutica é lugar de macho, porra!”

“Claro, comandante. Bom dia.”

O capitão se retira e desce a escada sentindo-se feliz, foi a primeira vez que viu o comandante de bom humor, é bom sinal, a promoção pode mesmo sair, já se vê com a patente de major, venderá o fusca, comprará um carro melhor, um apartamento maior, na Zona Sul.

No pátio ele encontra o sargento Leão. “O que o comandante queria?”

“Nada de mais. Só desejou boa sorte pra gente na operação e deu parabéns pelo nosso trabalho no aeroporto.”

“Vai dar tempo de ir ao jogo mais tarde?”

“Depende do que acontecer. Se o cara que a gente vai pegar abrir o bico logo, fizer uma confissão boa, outras operações vão ser feitas logo em seguida. E vai sobrar pra nós, pode crer. Pode ser também que haja confronto com vítima na casa... Acho que tu pode esquecer o jogo. Eu também queria ver o Vasco ganhar hoje. Mas o dever está acima de tudo.”

“Eu queria estar liberado pelo menos à noite. Faz uma semana que não vejo minha namorada. E afinal, hoje é feriado, dia do padroeiro da cidade, caramba. Eu também sou filho de Deus.”

“Tu sabe que não temos dia nem hora certa pra trabalhar. Ah, eu soube que vai ter uma vaga na coleta de dados. É moleza, os caras só fazem vigiar e tomar nota sobre o pessoal nas universidades, colégios, sindicatos e órgãos do governo. Mas ganham menos que a gente. Aí é que a porca torce o rabo. Eu quero ir pro interrogatório. A gente ganha mais grana e mete muita porrada nos filhos da puta.” Ele dá um soco na palma da mão esquerda e ri.



Rubens sai do escritório com um chapéu-panamá na cabeça e um charuto apagado entre os dedos. “Vou dar uma caminhada na praia. Marquei com o Boca.”

“Eu vou à praia mais tarde.” Eliana levanta-se da mesa na sala de jantar.

Da cozinha vem a voz de Eunice. “Eu também.”

“Ok, à tarde a gente vai à praia. Hoje o velho pai não quer fazer absolutamente nada.” Ele vai à cozinha, dá uma piscadela para Eunice e ergue a voz, com uma expressão gaiata. “Mas acho que vou dar um pulo no Moraes também, chupar uns picolés...”

“Êba!” grita Babiu, e Eliana ergue os braços. “Eu também quero!”

Rubens dá um beijinho nos lábios de Eunice, um na testa de Babiu e outro na bochecha de Eliana. “E o Marcelo, ainda tá dormindo?”

“Como sempre” diz Eunice.

“À noite tô pensando em ir ao cinema, que tal?”

“Ver o quê?”

“Tá passando um filmaço. *Brasil bom de bola*. Apesar de eu não ser muito chegado a futebol, esse vale a pena. O Ely Azeredo escreveu que é o melhor filme brasileiro sobre futebol feito até hoje. Mostra a participação do Brasil em todas as Copas desde 1938, inclusive a do México.”

“Eu também quero ir!” diz Babiu.

“Ué, a caçula já gosta de futebol ou é apenas ciuminho?” pergunta Rubens.

Eliana faz um trejeito manhoso. “Eu também quero ir.”

Com um isqueiro Rubens acende o charuto e gira-o na boca enquanto suga várias vezes, soltando sucessivas baforadas de espessa fumaça que quase encobre o seu rosto. “Bom, então tá, todo mundo vai ver o filme. Tá passando em mais de dez cinemas. O mais perto é o Pax.” Ele sopra a brasa na ponta do charuto. “Ah, o Ryff e o Waldir não podem ir à praia agora, mas eles vêm aqui mais tarde.” Sobe a escada dando baforadas que espalham no ar o denso aroma. Minutos depois, ao descer, apanha o jornal na mesa da sala de jantar e sai para a rua.

No calçadão da praia, vira à direita. Cerca de cem metros adiante encontra Bocayuva Cunha, de camiseta, bermuda e chinelo. Chamado de “Baby” Bocayuva por amigos, familiares e colunistas sociais,

ele é sete anos mais velho que Rubens, mas aparenta ser mais novo. Pertence a uma tradicional linhagem de políticos e ministros que se destacaram na vida pública brasileira desde o Segundo Império. Nacionalista de esquerda, foi deputado federal em dois mandatos sucessivos, o segundo interrompido pelo golpe militar de 1964. Mora numa cobertura aqui mesmo na avenida com sua segunda esposa, Dalal Achcar, prestigiada coreógrafa que já recebeu no apartamento algumas das maiores estrelas do balé brasileiro e internacional, como Margot Fonteyn e Rudolf Nureyev.

Os dois se abraçam afetuosamente. “Um bom ano pra todos nós”, diz Rubens. “Que este ano traga alguma melhoria, apesar dos milicos.”

“Que assim seja.”

“A gente sabe que a ditadura vai continuar, e por isso nós também vamos continuar.”

“Enquanto houver esperança, há solução”, diz Bocayuva com um sorriso irônico, e os dois vão caminhando juntos no calçadão da praia. “E o fim do ano, passou na fazenda do seu pai?”

Rubens solta uma baforada do charuto. “É, com Eunice, as crianças e toda a parentada na fazenda do *Coronel*.”

“Ele não fica chateado de você chamá-lo de coronel?”

“Que nada. Pra ele é um elogio, do jeito que ele gosta dos milicos. E parece um coronel mesmo, até no jeitão de andar. Um dia você vai conhecê-lo.” Rubens aproxima a cabeça do ouvido de Bocayuva e abaixa a voz com uma impositação exagerada: “Não se meta com comunista!... É assim que ele fala comigo desde quando eu ainda estava na faculdade. Eu não levo a sério.” Rubens ri. “Respeito a divergência.”

“É isso aí. Seu pai ainda acha que comunista come criancinha no café da manhã.” Bocayuva sorri.

“Exato. E pra não brigar, faço um pacto comigo mesmo quando vou na fazenda: evito falar de política com ele, pra não estragar o passeio. Minha mãe e minhas cunhadas agradecem.”

Os dois param num quiosque e Rubens pede duas garrafas de guaraná. “E vocês, onde passaram o réveillon?”

“Em Cabo Frio.”

Nos fins de semana e feriados Bocayuva se reúne na sua casa em Cabo Frio com a família e amigos, a maioria políticos, ex-políticos e empresários. Costumam passear de barco, conduzido por um pescador da região, e percorrem as ilhotas entre Cabo Frio e Búzios. A junção de céu, mar e brisa faz esquecer por algumas horas as aflições da política brasileira. À tardezinha, vão para algum restaurante bebericar e falar mal do governo, discutir futebol, Bolsa de Valores. Bocayuva é diretor financeiro de uma empresa de brita e, como a maioria dos ex-políticos cassados que permaneceram no Brasil ou passaram uma temporada no exílio voluntário, não se envolve mais em atividade política. Mas nem por isso deixou de ter problemas com o governo.

Há um ano e quatro meses, na noite de 7 de setembro de 1969, ele estava em sua cobertura jogando pôquer com Rubens, Fernando Gasparian, o jornalista Fernando Pedreira e o ex-deputado Marco Antônio Tavares Coelho quando agentes do Exército ocuparam a portaria do prédio. Três deles subiram e intimaram Bocayuva a acompanhá-los para prestar informações que ajudassem a localizar Carmina, uma de suas filhas do primeiro casamento. Ela estava envolvida no sequestro do embaixador dos Estados Unidos, Charles Elbrick, que tinha sido libertado naquela noite.

Bocayuva concordou em acompanhar os agentes; Dalal, apesar de não intimada, insistiu em ir junto. Os demais não foram incomodados. O casal foi levado sem capuz para o Batalhão de Infantaria Blindada e interrogado separadamente durante várias horas sobre Carmina, seus amigos na faculdade, nomes, endereços. Mas Bocayuva não tinha contato com ela. Após o interrogatório, o casal ficou detido num quarto do alojamento de oficiais do Batalhão.

Os órgãos de segurança tinham lançado vasta operação de busca dos sequestradores e dezenas de pessoas estavam sendo presas.

Na mesma noite os agentes invadiram a casa da mãe de Carmina, em Santa Teresa. Vera estava lá com sua outra filha, Verinha, e dois amigos visitantes, o embaixador Carlos Alfredo (Lolô) Bernardes e o ex-deputado Renato Archer, cassado.

Embora Vera não soubesse do paradeiro da filha esquerdista, também foi levada com Verinha para o Batalhão. Depois de interrogadas, foram colocadas junto com Dalal, e Bocayuva foi transferido para um quartel na Vila Militar, em Realengo. As três mulheres, frequentes nas colunas sociais, dormiam em beliches, mas a comida, as roupas e os objetos de banho e uso pessoal eram trazidos diariamente pelos seus respectivos motoristas.

Dalal pensou numa forma de comunicar a sua mãe onde Bocayuva estava, para que ela avisasse os amigos e eles se mobilizassem. Quando o motorista levou a refeição do dia, Dalal enfiou na garrafa térmica um bilhete: “Compre o disco do Gilberto Gil, *Aquele abraço*, aquele que diz ‘Alô alô Realengo’. Baby gosta muito. Estamos bem, não se preocupe.” Mas não resolveu muito, porque estavam todos incomunicáveis e a imprensa não podia noticiar a prisão.

Após sete dias, Dalal escreveu uma longa carta ao comandante do Batalhão explicando que não havia motivo para ela estar ali e precisava ir à Bahia para uma apresentação de sua companhia no Teatro Castro Alves. No dia seguinte as três foram soltas. Bocayuva permaneceu mais uma semana.

“Hello.” Um jovem de barba ruiva e cabelos louros abaixo das orelhas interrompe sua caminhada no calçadão para cumprimentar Bocayuva no quiosque.

“Hello, sir”, retribui Bocayuva e o apresenta a Rubens. “Esse é o Paddy, jornalista, colaborador da BBC, stringer, como eles dizem. É súdito britânico, mas faz questão de dizer que é irlandês. Chegou há pouco tempo, um mês e pouco, não é?”

“Já fala bem o português” nota Rubens.

“Estudei bastante durante quase um ano antes de vir para cá. Ainda estou aprendendo. Difícil está sendo aguentar esse calor. Saí de Londres com 2 graus à noite e cheguei ao Rio com 35 ou 40, nem sei mais.”

“Logo você se acostuma. Tem conseguido mandar notícias sem passar pela Censura?” pergunta Rubens.

“Sim, até hoje ninguém me procurou ou telefonou pra censurar minhas matérias. Na verdade eu entrei no país dizendo que vim escrever um livro sobre a Transamazônica.”

“Ah, ótimo.”

“E esse é meu desejo mesmo, ser escritor. Enquanto isso não acontece, escrevo outras coisas. Já mandei matérias pra BBC dizendo que a imprensa brasileira é censurada, que existem muitas acusações de tortura, presos sem comunicação.”

“Muito bem”, diz Rubens.

“Sei que é muy arriscado” acrescenta Paddy.

“Tudo que é importante na vida tem risco” diz Rubens. “Viver é muito perigoso, como escreveu o Guimarães Rosa, um brasileiro que você precisa ler pra conhecer o Brasil.”

“Só que não vai entender nada...” diz Bocayuva.

“Estou com vontade de fazer uma reportagem sobre a Mangueira. O carnaval está perto...”

Bocayuva dá um tapinha no braço de Paddy. “Boa ideia. Isso também é Brasil, é Rio. E vai ser uma boa oportunidade pra conhecer umas mulatas que não estão no mapa da Inglaterra, e beber caipirinha.”

Paddy sorri. “Sim, ninguém é de ferro, não é assim que dizem os brasileiros? Ok, vou indo, vamos fazer contato.”

“Quando eu tiver alguma denúncia... Aliás, tenho uma, sobre a marmelada na concorrência da ponte Rio-Niterói.”

Paddy franze a testa. “Marmelada? O que é isso?”

“Você vai saber, é o que mais tem neste país” diz Bocayuva.

“Estou preparando um dossiê. Vou te procurar”, avisa Rubens e Paddy vai embora pelo calçadão.

“Vamos ao Flag logo mais à noite?” propõe Bocayuva. “O Johnny Alf está tocando lá, com participação do Luís Eça e do Trio Mocotó. Deve ser um tremendo show. A gente toma um Dimple pra comemorar o ano-novo, com um pouco de atraso. Chama a Eunice, eu levo a Dalal, vamos nós quatro.”

“Eu tinha combinado ir ao cinema, ver *Brasil bom de bola*, mas posso deixar pra sábado. Vai ficar muito tempo em cartaz. Vou falar com a Eunice e mais tarde a gente combina o horário.”

Ao se despedir, Rubens pergunta a Bocayuva: “E a Carmina? Já te deu alguma notícia?”

“Não. Ela sabe que fiquei muito chateado com aquela confusão toda. Mas deve ter entrado em contato com a mãe dela. E com você, não?”

“De vez em quando ela telefona pra saber do caso da guarda do filho dela. Mas quem está cuidando disso é outra pessoa.”

Caminhando de volta para casa, Rubens pensa em Carmina e nas peripécias que ele viveu para tirá-la do país quando estava sendo caçada como terrorista de alta periculosidade, com foto na primeira página dos jornais. Mas era guerrilheira por acaso. Se não namorasse um militante, talvez continuasse sendo uma anônima estudante burguesa com simpatia pela esquerda e que de vez em quando ajudava os colegas de universidade em pequenas tarefas, como mimeografar um jornalzinho com o pomposo título de *Resistência*. Foi para isso, e por influência do namorado, que alugou a casa que, por falta de outra opção, serviu de cativo do embaixador Charles Elbrick, sem conhecimento prévio dela. Mesmo assim, se fosse presa, certamente seria torturada e condenada como cúmplice.

A pedido da mãe de Carmina e Bocayuva, movido por espírito humanitário e pela amizade, Rubens foi a São Paulo e conversou com um amigo e também ex-deputado, Marco Antônio Tavares Coelho,

quadro clandestino do Partido Comunista Brasileiro e que falou com Salomão Malina, coordenador das viagens externas do partido. Traçaram uma rota de saída para o Chile via Foz do Iguaçu, uma rota nova, usada depois que o Uruguai ficou muito visado pela repressão.

Certa noite, Rubens estacionou seu carro numa rua deserta de Vila Isabel, em frente à praça Barão de Drummond, e saiu com um rapaz pálido, apesar de carioca, cabelo cobrindo as orelhas e camisa branca de manga curta. Atravessaram a praça, quase vazia, e caminharam em direção a um casal sentado num banco debaixo de uma árvore e longe do poste. Ao aproximar-se, Rubens reconheceu Carmina, ao lado de um rapaz de terno e gravata. Ela usava peruca preta e comprida que cobria parcialmente seu rosto magro, os olhos ariscos como se pressentindo perigos. Apresentou o rapaz:

“Esse é o Adriano.”

Rubens sabia que era codinome. Apertaram as mãos. Adriano era gordinho e estava bem disfarçado: pasta 007 nas mãos, cabelos ralos penteados para trás acentuando o início de calvície, bigode espesso e óculos de lentes verdes. Era um dos muitos líderes estudantis que haviam aderido à luta armada depois que o governo proibiu passeatas e extinguiu os órgãos representativos das universidades. A maioria dos militantes de sua organização, o MR-8, estava presa ou no exílio. Ele começava a questionar a violência revolucionária como tática de enfrentamento da ditadura. Já não acreditava tanto na eficácia de uma vanguarda armada que conscientizasse o povo mediante sequestros de diplomatas e expropriações. Mas Adriano não falou disso a Rubens naquela noite. Tinha pouco tempo. Vivendo na total clandestinidade, raramente saía às ruas, circulava mais na Zona Norte, que conhecia bem — Grajaú, Vila Isabel, Sampaio, Engenho de Dentro, Engenho Novo, onde nascera.

Rubens lhe apresentou o rapaz como Ernesto, quadro do PCB que participaria da missão, e garantiu que providenciariam a fuga de Carmina, conseguiriam um passaporte falso. Ela ficaria escondida

no apartamento de Rubens em São Paulo até o momento propício de sair do Brasil.

“A rota será pelo Paraguai. A do Uruguai está queimada. Ela vai pra Foz do Iguaçu acompanhada, atravessa a Ponte da Amizade, pode pegar um ônibus até Assunción, e de lá um avião até o Chile” disse Ernesto.

“Está bem organizado o esquema” disse Adriano.

Além de sair do país, outra prioridade de Carmina era obter a guarda de seu filho de 3 anos, que morava com o pai, de quem estava separada. Adriano iria tentar mantê-la informada sobre o andamento dessa pendência através de Rubens.

“Eu te telefono de vez em quando” disse Adriano, e desapareceu com Carmina no escuro da praça.

Dias depois, Rubens buscou Carmina num apartamento em São Conrado e a levou para o pequeno apartamento que mantinha em São Paulo, na rua Doutor Vilanova. Foi ao mercado, comprou mantimentos e voltou para o Rio de Janeiro no dia seguinte. Ele usava esse apartamento para abrigar temporariamente outras pessoas perseguidas.

O dia escolhido para a fuga foi um domingo de jogo Brasil e Inglaterra, na Copa do Mundo no México, em junho do ano passado. Carmina assistiu ao jogo com Rubens e dois militantes do PCB. Todos torcendo para que o Brasil ganhasse, sobretudo porque facilitaria o plano.

A apertada vitória da Seleção Brasileira por um a zero foi comemorada nas ruas com rojões, buzinas, uivos, cantoria. Os dois comunistas bateram palmas sóbrias e criticaram a alienação do povo brasileiro.

“Se canalizassem essa energia pra revolução, este país seria outro” disse um deles.

“É o circo. Se o Brasil ganhar esta Copa, aí é que todo mundo vai esquecer a fome, o analfabetismo, a falta de escola, a falta de casa, a miséria...” disse o outro.

Minutos após o final do jogo, Carmina se despediu de Rubens e saiu, de óculos claros e a peruca preta, com os dois comunistas, todos em camisetas verde-amarelas, entraram no fusca estacionado na Doutor Vilanova, com bandeirola brasileira presa à antena.

Anoitecia. O fusca entrou na rua Maria Antônia, cheia de gente que gritava viva a Seleção, soltava rojões, carros buzonavam, garotas sentadas nos capôs dos automóveis sacudiam bandeiras do Brasil e de times paulistas, rádios tocavam em alto volume a marchinha “noventa milhões em ação/ pra frente Brasil/ do meu coração/ Todos juntos vamos/ pra frente Brasil/ salve a Seleção!”

Vencido o demorado congestionamento, o fusca conseguiu sair de São Paulo e seguiu em direção ao Paraná.

Depois que Carmina chegou ao Chile, tem telefonado para a casa de Rubens a fim de saber informações a respeito de seu filho, conseguidas por Adriano.

Interrompendo seus pensamentos, Rubens entra num botequim para comprar tabletes de Drops e caramelos.

“É pra escadinha, não é?” pergunta o português no caixa.

Entrando em sua casa pelo portão lateral, Rubens não repara num Opala amarelo com teto de vinil preto estacionado no meio-fio a poucos metros de distância, com três homens dentro.



Sentado ao lado do motorista no Opala, o capitão Abelha, de óculos escuros, acende mais um cigarro espreitando a casa na esquina.

“É ele” diz para Chacal, no volante. Leão no banco traseiro se inclina e coloca a cabeça entre os dois. “E agora, o que que a gente faz?”

“Vamos esperar o Dumbo e a cobertura. Se o cara sair de novo, tu segue ele.” Abelha aumenta o volume do rádio, “ó o Paulinho da Viola aí, vamos ouvir o Paulinho, pra relaxar”, e cantarola batucando no painel, com o cigarro na boca. “Meu coração tem mania de amor/

amor não é fácil de achar/ a marca dos meus desenganos ficou, ficou/ só um amor pode apagar...”

Grupos de banhistas passam devagar na calçada em direção à praia. O sol realça o colorido das cangas e toalhas enroladas na cintura das garotas. Na avenida, os carros diminuem a velocidade e buzinam para os pedestres imprudentes. Outros estacionam na calçada e deles saem mais banhistas.

Abelha sente um pouco de inveja. Recém-separado após um casamento de cinco anos, gostaria de estar na praia jogando frescobol com uma dessas morenas. Mas agora tem que se concentrar na missão, cumpri-la com eficiência.

“Vivendo e aprendendo, é o que eu sempre digo. Estou na seção de operações e capturas faz oito meses, desde a criação do CISA. Já dirigi e participei de diligências e cercos a subversivos em muitos bairros da cidade, prendi vagabundo em aparelho de todo tipo, quitinete, apartamento de classe média, casa no subúrbio, até em barraco de morro, mas nunca entrei num aparelho de frente pra praia, e numa avenida movimentada de brotos.”

Dá mais uma tragada. Nos últimos meses sobra pouco tempo para diversão. Praia, só raramente. Sua pele está ficando desbotada. Os amigos que nesta época do ano não saem da quadra da Império Serano nas noites de sábado estranham a ausência dele nos últimos meses. Onde está o garotão que não perdia um ensaio da escola, a praia, o futebol nos fins de semana? Ele responde apenas que está trabalhando muito, sem detalhar. Não se incomoda de trabalhar em fins de semana, à noite e nos feriados de sol. Detesta rotina e gosta do que faz. Desde adolescente tem mania de ler histórias policiais de livrinhos baratos comprados em banca de revista e sempre se identificou com os detetives. Sabe, entretanto, que quando está trabalhando não é um personagem de ficção, é um agente de segurança do governo e está vivendo uma situação real, que sempre lhe causa uma boa emoção. Olha de novo o relógio.

“Leão, vai dar uma sacada na frente da casa.”

O sargento mulato desce pela porta traseira. Atrás dele seguem dois casais de banhistas de meia-idade em trajes de praia. Leão atravessa a avenida e vai até a carrocinha de algodão-doce parada no calçadão. Compra um algodão-doce de Oswaldo, conversa um pouco com ele e volta para o Opala.

“Nenhuma alteração, capitão. Tudo continua quieto. As janelas da frente estão abertas, dois carros na garagem. E a entrada é por aqui mesmo.”

“Tá oká. Entra aí, pra não dar bandeira. E vê se não suja o carro com essa meleca doce aí, pô.” Impaciente, Abelha olha mais uma vez para o relógio de pulso. “E o Dumbo que não chega, tá demorando pra cacete.”

No rádio uma vinheta anuncia: “O Globo no ar!”

“Escuta aí” diz Abelha.

“Os órgãos de segurança continuam promovendo uma intensa caçada aos sequestradores do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher. O diplomata, que foi libertado quatro dias atrás, reassumiu seu cargo na embaixada, mas pretende viajar na próxima sexta-feira para a Suíça. Os órgãos de segurança não informaram detalhes sobre as investigações. Sabe-se que o cativo onde o embaixador passou quarenta dias em poder dos terroristas foi uma casa em Rocha Miranda, Zona Norte do Rio...”

Abelha diminui o volume e atira na calçada o toco do cigarro. Ele desconhece os antecedentes do homem que veio prender. Disseram-lhe apenas que tem ligações com subversivos brasileiros exilados no Chile, e portanto deve ter ligação com o sequestro do embaixador. Nunca subestima um suspeito. Sempre atribui alta periculosidade a todos.

Duas peruas Kombi estacionam atrás do Opala, uma em cada lado da rua. Chacal coloca o braço esquerdo para fora, acena para os ocupantes das peruas fazendo sinal de positivo.

Abelha gira o botão do rádio, “A cobertura chegou. Só falta o Dumbo”, não encontra nada que o agrada. Sua atenção é atraída pelo letreiro pichado no muro do outro lado da rua: POR UM BRASIL LIVRE E INDEPENDENTE.

“Esses idiotas falam em liberdade e querem transformar o Brasil numa grande Cuba. Lá não tem liberdade nem ordem nem progresso. Mas os subversivos estão perdendo a guerra... Tu precisava ver, Chacal, como foi moleza descobrir essa rede terrorista entre o Brasil e o Chile. Bastou pegarmos duas mulheres que traziam umas cartas.”

“Existe mesmo uma rede?” pergunta Leão.

Abelha dá um sorriso de superioridade. “Óbvio. Agora que o Al-lende virou presidente, o Chile é o Shangrilá da canalha comunista brasileira. Por que os banidos trocados pelo embaixador suíço quiseram ir pra lá? É uma rede, cara. Estão montando uma base, fazendo treinamento lá, como fazem na Rússia, em Cuba. Mas vão se foder, temos informantes às pampas. Esses terroristas brasileiros são muito otários. Ficam mandando cartinha pros camaradas no Rio... Vamos ter muito trabalho pela frente. É bom pra vocês. Podem pegar uma promoção pra segundo-sargento.”

Chacal fica todo malemolente. “Podes crer. Na maior... Esse cara que a gente vai pegar é aquele que tem uma filha que a gente tava procurando?”

“Aquela do sequestro do embaixador americano?” pergunta Abelha, e acende outro cigarro. “Não, não é filha dele não. Mas é do mesmo esquema. É o pessoal que tá por trás desses sequestros todos. Dão grana pra execução dos planos, tá entendendo? Essa casa é de quem tá cheio do ouro, e ouro de Moscou. Se for mesmo um aparelho, como tudo indica, só pode ser de pessoal quente, um chefe terrorista com fachada de grã-fino.”

Leão resolve ser espirituoso. “Ou o contrário, grã-fino disfarçado de terrorista.” Só ele ri. “Será que tem arma lá dentro?”

“Deve ter, né, bicho. A gente encara. A ordem é meter bala geral e perguntar depois. Não podemos dar bobeira.”

“Só não entendi por que o comandante pediu pra gente levar o cara pra Zona Aérea, e não pro CISA, onde ficam os presos, e onde as duas mulheres estão, ou estavam.”

“Ele tem interesse especial nesse caso, porque...”

Chacal vê pelo retrovisor uma bela mulata que vem pela calçada, de bata colorida até o meio das coxas e cabelo black power. “Espera, olha só o que vem vindo aí. Pelo amor de Deus, meu irmão, isso atrapalha qualquer campana...”

Leão estica o pescoço. “Demais. Seria bom prender umas duas dessa acusando de subversão e levar pra casa. A gente ia se divertir legal. O que tu acha da ideia, capitão?”

“Esqueçam isso agora, o mais importante pra nós é darmos tudo nesta missão. E conseguir depois uma promoçãozinha de leve. Tenho fé em Deus. Só o fato de acontecer no dia de São Sebastião já é um bom sinal.”

“Se sair a promoção, tu vai continuar no mesmo trabalho?” pergunta Leão.

“Não estou a fim”, responde Abelha, e escarra pela janela do Opala. O catarro quase bate na perna de um garoto de short que passa na calçada, bola na mão, com um amiguinho. “Quero ir pra equipe de interrogatório. É disso que eu mais gosto...”

Chacal acende um cigarro. “O que eu menos gosto é do horário. Trabalhar 24 horas sem parar e folgar 72 não é pra qualquer cristão.”

“É que tu ainda não tá acostumado.” Abelha tira os óculos escuros para contemplar uma morena de bermuda que vem da praia. “E o nosso Vasco? Ganha de quanto hoje, Leão?”

“Sei lá. Eu sou Flamengo tenho uma nega chamada Teresa. Se a gente fosse enfrentar vocês, ganharia de dois a zero. Mas como vamos jogar na preliminar, e contra portugueses, vamos dar de dois a zero.” Ele pensa um pouco. “Não, três a um.”



A multidão de várias idades se organiza em alas na frente da igreja de São Sebastião dos Capuchinhos para participar da procissão. Na primeira ala se posicionam freiras e padres de diferentes irmandades, confrarias e movimentos de apostolado leigo, com suas bandeiras e estandartes: Filhas de Maria, Congregados Marianos, Apostolado da Oração, Ligas Católicas, Legião de Maria. No meio do povo as mulheres, muitas com véus na cabeça, seguram velas acesas, rosários, terços, cravos vermelhos. Algumas abrem sombrinhas para se proteger do sol. Escoteiros arregimentados pela igreja orientam a multidão a deixar metade da pista liberada para o trânsito de veículos. Os frades capuchinhos, de túnica marrom e cabeça coberta por capuz pontiagudo, se alinham na frente da primeira ala, onde estão o frei Elias, o coronel Tigre e Elizete.

Penitentes usando roupa vermelha se espremem para tocar no andor com a imagem de São Sebastião, retirada da igreja e que está sendo erigida para a carroceria de uma caminhonete do Corpo de Bombeiros.

“É a mesma imagem trazida em 1565 por Estácio de Sá, pra fundação da cidade”, diz orgulhosamente o frei. Elizete contempla o santo embevecida. Batedores da Guarda Civil e da Polícia Militar abrem espaço na rua para o cortejo. Uma ambulância segue atrás da multidão que inicia vagarosa a caminhada pelas ruas, cantando, passando em frente a janelas e postes decorados com galhardetes vermelhos. No calor de 35 graus, muitas pessoas bebem a água oferecida pelos escoteiros com seus cantis ou entram em bares para comprar refrigerantes. Há devotos, crianças também, caminhando descalços, como pagamento de promessa. Duas mulheres idosas desmaiam de tanto calor e são atendidas pela ambulância.

Chegando à Praça Cruz Vermelha, a procissão para diante de um grupo liderado pelo arcebispo do Rio de Janeiro, dom Jaime de

Barros Câmara, e pelo governador Negrão de Lima, com seus secretários e assessores. Frei Elias cumprimenta as duas autoridades e apresenta o coronel Tigre e sua esposa. Um fotógrafo clica os apertos de mãos. Imediatamente o coronel pede o telefone dele, dizendo que pretende depois solicitar uma foto.



Suando, Rubens entra na cozinha, bebe um copo de água gelada e sobe a escada da sala para o segundo pavimento. Eunice está no quarto desfazendo mais uma mala.

“Conheci na praia um jornalista inglês, na verdade irlandês. O Bocayuva me apresentou. Manda notícia pro Serviço Mundial da BBC. É aquela rádio de ondas curtas que a gente escuta de vez em quando.”

Eunice separa as roupas para serem lavadas. “Eu sei...”

“Ele chegou há pouco tempo. Tem cara de hippie, mas me pareceu sério.”

“E está gostando de trabalhar no Brasil?”

“Por enquanto a Censura não encheu o saco dele. Nem pode. O governo não tem como censurar imprensa estrangeira, senão cria um problema diplomático. No máximo pode expulsar o jornalista.”

Rubens apanha uma toalha e vai ao banheiro, no corredor. Antes de entrar, dá uma paradinha e volta ao quarto:

“Ah, o Bocayuva convidou a gente pra ir ao Flag hoje à noite. Tem um show bom lá. A Dalal também vai. Podemos deixar o cinema pro fim de semana e fazer um reencontro de ano-novo, ouvindo Johnny Alf. Não é melhor?”

“Está bem. As meninas não estão muito interessadas em ver filme de futebol. Falaram naquela hora só de farra.”

“E o dorminhoco, já levantou?”

“Não. Só lá pelo meio-dia.”

Rubens entra no banheiro, abre a torneira da banheira e tampa o ralo. Fica sentado dentro, folheando uma revista *Veja*, com os cotovelos apoiados nas bordas, sentindo a água fria subir devagar.

Meia hora depois ele ainda está na banheira quando Eunice bate na porta. “O Ryff chegou.”

“Fala pra ele subir.”

Babiu entra no quarto que divide com Eliana trazendo nas mãos caramelos, Drops e o rádio portátil que estava na sala de jantar; coloca tudo na mesa quadrada encostada à parede, debaixo de um pôster de Paul McCartney.

“O Papai Noel táí.” Dá uma risadinha para Eliana, que está de short e camiseta sentada em frente ao espelho do guarda-roupa, terminando de pentear os cabelos. Inquieta, Babiu gira o botão do rádio, “Procura uma música pra gente dançar”, e desembulha uma bala de caramelo. Depois de encontrar uma música, Eliana apanha sobre a mesa um vidro de esmalte cor-de-rosa.

Ryff bate na porta do banheiro e ouve Rubens, “Entra aí!” Submerso na banheira, ele joga a revista no chão ladrilhado e aperta a mão do amigo. Ryff é um jornalista de baixa estatura, cabelos e bigode brancos. Foi secretário de imprensa do presidente João Goulart e perdeu seus direitos políticos junto com Rubens, poucos dias depois do golpe militar.

“Feliz 71!” Ele sorri e senta-se numa cadeira branca ao lado da banheira. “Como é que vai?”

“Tudo em paz. Remando sempre, até na banheira.”

“Foi bem de ano-novo?”

“Passamos na fazenda do meu pai. Vamos ver o que este ano nos reserva. Vai ser mais calmo do que o ano passado. Não vamos ter Copa do Mundo com tricampeonato nem eleições. Já sequestro de diplomata... é bem possível que continue. Seja o que for, vamos continuar falando e fazendo o que pudermos, senão a gente cai num pessimismo inútil, que não leva a nada. O que há de novo?”

“Hoje à tarde estou de plantão no jornal. Vamos ver quantas matérias a Censura vai mandar cortar ou vetar. Na Pesquisa eles não se metem muito. De qualquer maneira, é uma merda escrever um texto pensando se alguém vai telefonar pra redação ou mandar um bilhete proibindo a publicação. Eles estão muito de olho agora em notícia sobre o Chile e os sequestradores do suíço.”

“Falando nisso, o seu jornal deu hoje que as empresas chilenas já estão em polvorosa.”

“É verdade. Estão se organizando pra enfrentar as mudanças econômicas, com medo.”

“O Bocayuva acha que se o Allende avançar muito, vai ser derrubado pelos militares, como aconteceu aqui. Não sei, não, o Allende tem muito mais apoio popular do que o Jango tinha. Vamos ver no que vai dar o socialismo com empanadas e vinho tinto, como eles dizem...”

“Você esteve lá, não é?” pergunta Ryff.

“Em novembro... Puxa, há quanto tempo que a gente não se via, hein? Fui pouco depois da posse do Allende.”

“E o que você achou?”

“Uma coisa incrível. Primeiro fui a Nova York visitar meu irmão Carlos, ele está em tratamento médico.”

“Teve alguma melhora?”

Rubens baixa os olhos, entristecido. “Não. Ele está desenganado. Deram no máximo seis meses de vida. Coisa chata pra burro, nem gosto de pensar.” Logo se recobra. “Bem, de Nova York fui passar dois dias em Santiago. Os chilenos estão muito animados, deu pra sentir nas ruas, na cara das pessoas. O país vive uma alegria sem tamanho, muitas passeatas de apoio ao governo, a palavra de ordem é ‘Allende, Allende/ el pueblo te defende’. O povo tem um nível de consciência político fantástico, ninguém está indiferente, todo mundo tem uma opinião e pode falar de tudo, abertamente, nas ruas, nos bares, nas esquinas. É uma maravilha, a liberdade é uma maravilha. Pra nós en-

tão, que não temos democracia há quase sete anos, é muito bom ir ao Chile. Acho que no Brasil só houve coisa parecida na época do Jango e do Juscelino. Uma semana em Santiago me lavou a alma. Queria ficar mais uns dias, mas estava de bengala, com o pé engessado.”

“O que aconteceu?”

“Poucos dias antes da viagem, quando eu já estava com passagem marcada, caí do cavalo em Angra dos Reis, aliás o cavalo também caiu. Foi feio. Quebrei a tibia do pé direito. Viajei pra Nova York mancando mesmo, queria dar um apoio moral ao meu irmão. Já estou melhor, pelo menos tirei o gesso, e não ficou sequela, aparentemente. Ah, estive com o Almino e o Darcy em Santiago.”

Três batidas na porta. A voz é de Maria do Céu. “Doutor Rubens, o doutor Waldir chegou, está lá embaixo.”

“Está bem. Fala pra ele que eu desço daqui a pouco.” Rubens se inclina para Ryff. “Dois homens trancados no banheiro, tudo bem, mas três é demais, aí vira bacanal”, e dá uma gargalhada estrondosa e prolongada que ecoa na casa inteira. Uma gargalhada dionisíaca.

Ryff se levanta. “Eu vou lá falar com ele enquanto você termina seu banho.”

Quando Rubens desce a escada, Waldir Pires está sentado numa poltrona da sala conversando com Eunice e Ryff.

“Salve, doutor Waldir Pires!” Rubens o abraça calorosamente. “Vamos pro escritório.”

Também com os direitos políticos cassados, Waldir era consultor-geral da República do presidente João Goulart, encarregado de examinar os aspectos jurídicos e constitucionais dos projetos do governo, como os decretos de nacionalização das minas de ferro, a encampação das refinarias, a reforma agrária e a Lei de Remessa de Lucros, que disciplinou os investimentos das multinacionais no país.

Em vez de ligar o ar-condicionado no escritório, Rubens abre a janela para arejar o ambiente. Em seguida retira de uma gaveta da

escrivania uma caixa de charutos e um cortador de prata. Waldir e Ryff sentam-se no sofá de couro preto.

“Vão beber o quê?” pergunta Rubens cheirando o charuto antes de acendê-lo. “Sugiro como alternativa um vinho branco gelado.”

Waldir sorri. “Chileno?”

Rubens estala a língua. “Não. Sauvignon Blanc. Uma delícia de aroma. Eu vou de vermelhinho.”

“Prefiro um suco, já que vou trabalhar logo mais” diz Ryff.

Rubens acende o charuto com uma lasca de cedro e vai à sala. Apanha uma garrafa de Campari no aparador, uma garrafa de vinho branco na geladeira da cozinha e pede a Maria José para fazer suco de laranja.

De volta ao escritório com as garrafas nas mãos e o charuto entre os dentes, ele para na porta. “Vamos lá pra fora? Está um dia bonito demais pra ser desperdiçado aqui dentro.”

Os três seguem para o jardim lateral da casa, junto ao muro, e sentam-se nas cadeiras em volta de uma mesa branca de plástico. Maria do Céu traz numa bandeja os cálices e o suco.

“Traz também pra gente um queijo picadinho, tá?” pede Rubens, e ergue seu copo para brindar com os dois amigos.

“A 1971 e ao futuro deste gigante dorminhoco, deitado eternamente em berço esplêndido! Ninguém segura este país. Muita ordem, paz social, desenvolvimento e outros babados.”